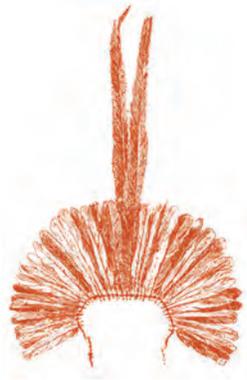


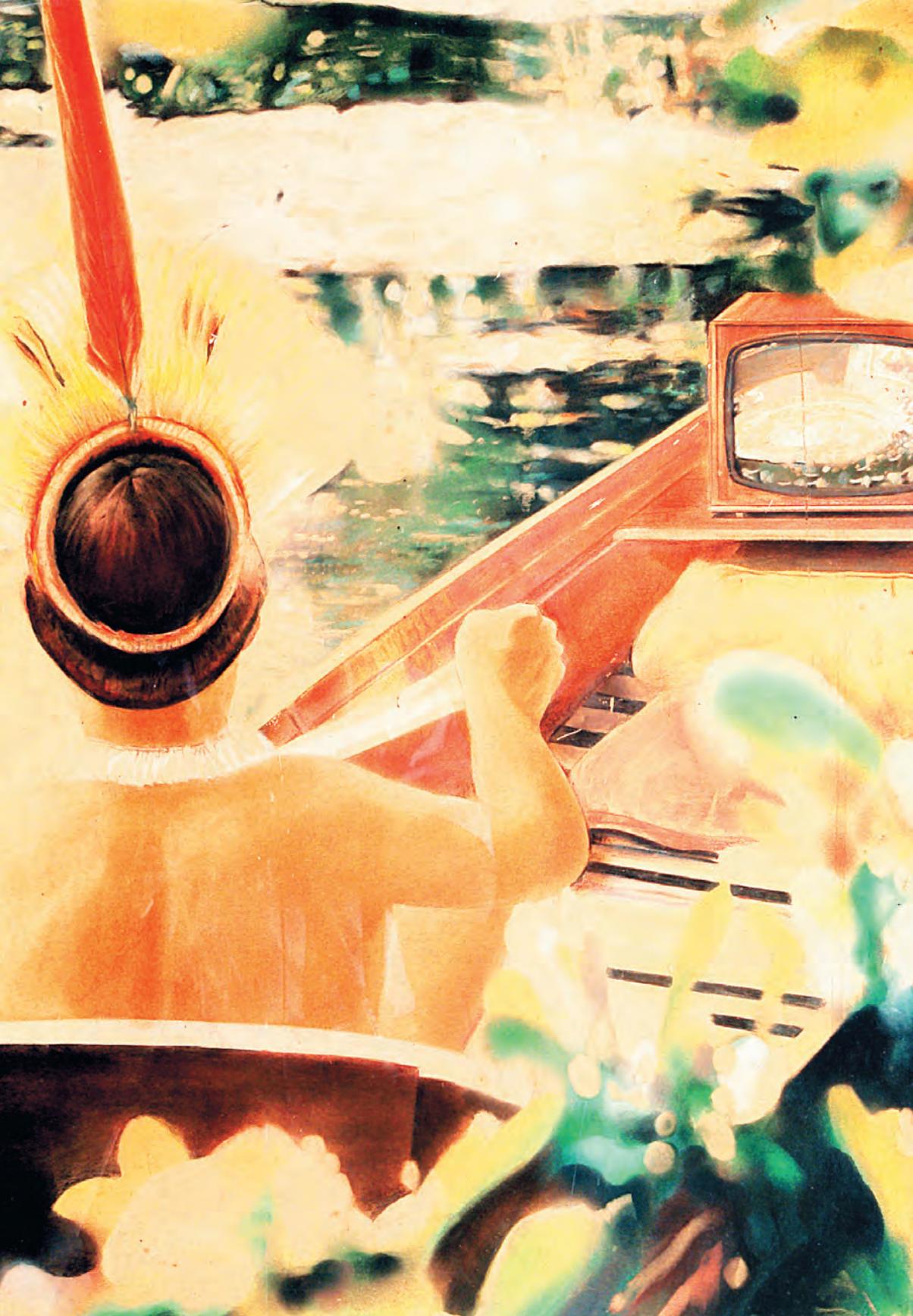


Maria Fátima Roberto Machado

Museu Rondon

*Antropologia & Indigenismo
na Universidade da Selva*

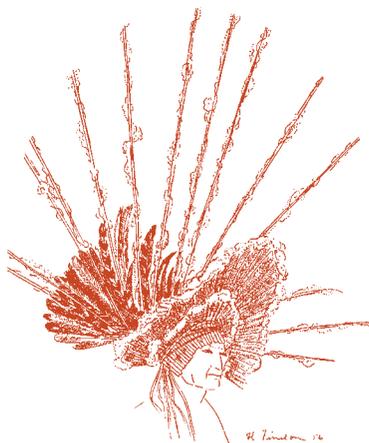




Maria Fátima Roberto Machado

Museu Rondon

*Antropologia & Indigenismo
na Universidade da Selva*



 entrelinhas

Cuiabá MT | 2009

Produção Editorial

Editora Maria Teresa Carrión Carracedo
Design Gráfico | Capa Maíke Vanni
Imagem da capa Clóvis Irigaray
Revisão Henriette Marcey Zanini
Coordenação Ricardo Miguel Carrión Carracedo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Machado, Maria Fátima Roberto
Museu Rondon : antropologia e indigenismo na Universidade
da Selva / Maria Fátima Roberto Machado. -- Cuiabá, MT :
Entrelinhas, 2009.

Bibliografia.
ISBN: 978-85-87226-88-4

1. Antropologia 2. Antropologia social 3. Etnologia 4.
Mato Grosso - História 5. Museu Rondon - História 6. Pesquisa
antropológica 7. Povos indígenas 8. Universidade Federal de Mato
Grosso. Departamento de Antropologia - História I. Título.

09-02593

CDD-306

Índices para catálogo sistemático:

1. Museu Rondon : Centro de indigenismo, pesquisa e divulgação
das culturas indígenas : Mato Grosso : História 306
2. Universidade Federal de Mato Grosso : Departamento de
Antropologia : História 306



«

Universidade da Selva

Clóvis Irigaray

Desenho | 93x70 cm | 1975

Acervo: UFMT/MACP

Foto: Ricardo Carracedo | Banco de Imagens C&C

Apresentação

Frequentemente a história da ciência é contada de forma idealista, como se os conhecimentos fossem algo universal, similar ao lento germinar de uma semente, ocorrido ao longo de muitas gerações, na imanência de um diálogo exclusivo entre obras, teorias e autores privilegiados, cuja relação com os contextos históricos em que se localizam é incidental e de pouca relevância. Como passageiros em trânsito por um aeroporto ou as mercadorias expostas em um *shopping* para consumo, os conhecimentos não prescindiriam da experiência de sua aplicação, não se justificariam por razões exteriores, nunca criariam raízes no meio social em que vicejam.

Em uma direção oposta, buscando produzir uma história social da ciência, a antropóloga Maria Fátima Roberto Machado empreendeu uma minuciosa investigação sobre a Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), focalizando-a especificamente a partir da formação de sua área de Antropologia e da criação do Museu Rondon. Trata-se de um trabalho que é fruto de sua pesquisa pós-doutoral realizada no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS), do Museu Nacional (UFRJ), nos anos de 2006 e 2007, com apoio do Conselho Nacional de Pesquisas (CNPq).

Escrito de maneira direta e agradável, sem digressões cerceadoras, o texto conduz o leitor a compartilhar com um amplo conjunto de atores sociais os motivos e consequências de suas ações, resgatando a singularidade (hoje nem sempre lembrada) de uma instituição que se implantou sob o lema e a proposta de ser a *Universidade da Selva*. É uma narrativa generosa e cativante, que nos brinda ao final com duas peças muito interessantes, os relatos vivos de duas trajetórias exemplares: a da antropóloga Edir Pina de Barros e a do intelectual indígena Vítor Peruare, do povo Bakairi.

É um livro que certamente será de grande utilidade para professores e alunos da UFMT, para administradores e planejadores da educação superior e para o público brasileiro em geral, tão carente de informações qualificadas sobre Mato Grosso. A Amazônia é tema frequente na mídia e mantém-se como fonte de inspiração nas artes e na filosofia, mas é muito raro que tais menções superem interpretações apressadas e unilaterais, calcadas em simplificações fantasiosas e infundadas, que servem apenas circunstancialmente a agendas do momento. Frente a isso, este livro é uma leitura inspiradora e crítica.

A reflexão cuidadosa sobre o passado alimenta também uma visão prospectiva, voltada para o futuro e às possibilidades e desafios que comporta. Que tipo de conhecimento podem produzir um departamento universitário e um museu etnográfico situados no interior da Amazônia? Esta é a pergunta que serve como um permanente estímulo à investigação histórica aqui empreendida, cujas respostas eu gostaria de retomar.

Em primeiro lugar, tal conhecimento não pode ser algo engendrado em outras latitudes, chegando à região já pronto, apenas para ser aplicado e seguido à risca. Se na Amazônia a natureza ainda deve nos revelar uma constelação de espécies vivas, podendo acarretar amplas reconfigurações do conhecimento existente, o que podemos esperar em relação ao estudo de suas culturas e formas sociais?

É preciso que os docentes sejam pesquisadores e, portanto, não se contentem em repetir as hipóteses e interpretações já formuladas, deixando-se consumir em uma relação narcísea com teorias consagradas. O que se deve esperar deles é que mergulhem de cabeça em questões novas e na recuperação de uma preciosa e indispensável base etnográfica. Problemáticas, métodos e conceitos não podem ser importados de maneira acrítica, nem devem engendrar um descarte de fatos que não se enquadram comodamente em programas científicos estabelecidos.

Em segundo lugar, o conhecimento não é algo estático nem dissociado da vida social. Os objetos de investigação da etnologia e da antropologia não habitam em laboratórios, mas em contextos históricos que precisam ser cuidadosamente descritos e analisados, pois alteram suas qualidades e comportamentos. A pesquisa não pode prescindir da história, pois sem ela não é possível determinar as escolhas empíricas efetivas que pessoas e coletividades têm diante de si.

Por outro lado, também o pesquisador participa desses contextos históricos, tendo diante de si escolhas de múltiplas ordens. A atividade científica não pode prescindir da ética, com a crítica a mecanismos discriminatórios e excludentes, com o respeito à diferença e com o exercício da cidadania.

É no sentido de ampliar e fortalecer tais debates que este livro nos traz uma contribuição bastante importante e original.

João Pacheco de Oliveira

Prof. Titular de Etnologia do Museu Nacional (UFRJ)

Sumário

Apresentação 9

Introdução 13

Antropologia e Indigenismo na Universidade da Selva 19

Antropologia, indigenismo e o “modelo” UnB 22

A Universidade da Selva: o “modelo” UnB
e a criação da UFMT 31

Indigenismo no Museu Rondon 42

A Uniselva e o Museu Rondon: mito e tabu 49

Museu Rondon: o Simpósio Cinta-Larga 55

O Massacre do Paralelo Onze 70

O Parque Nacional do Xingu 80

As memórias de João Vieira: o diretor 87

Um Museu-tabu 102

O índio hiper-real: a arte solitária
de Clóvis Irigaray 106



O ensino de antropologia na UFMT 117

- Antropologia sem antropólogos 119
- Os antropólogos estão chegando e... partindo 123
- Uma experiência de ensino 131
- O Departamento de Antropologia 134
- As disciplinas antropológicas 149
- Os cursos de extensão 158
- O curso de especialização 162
- O curso de Ciências Sociais 166

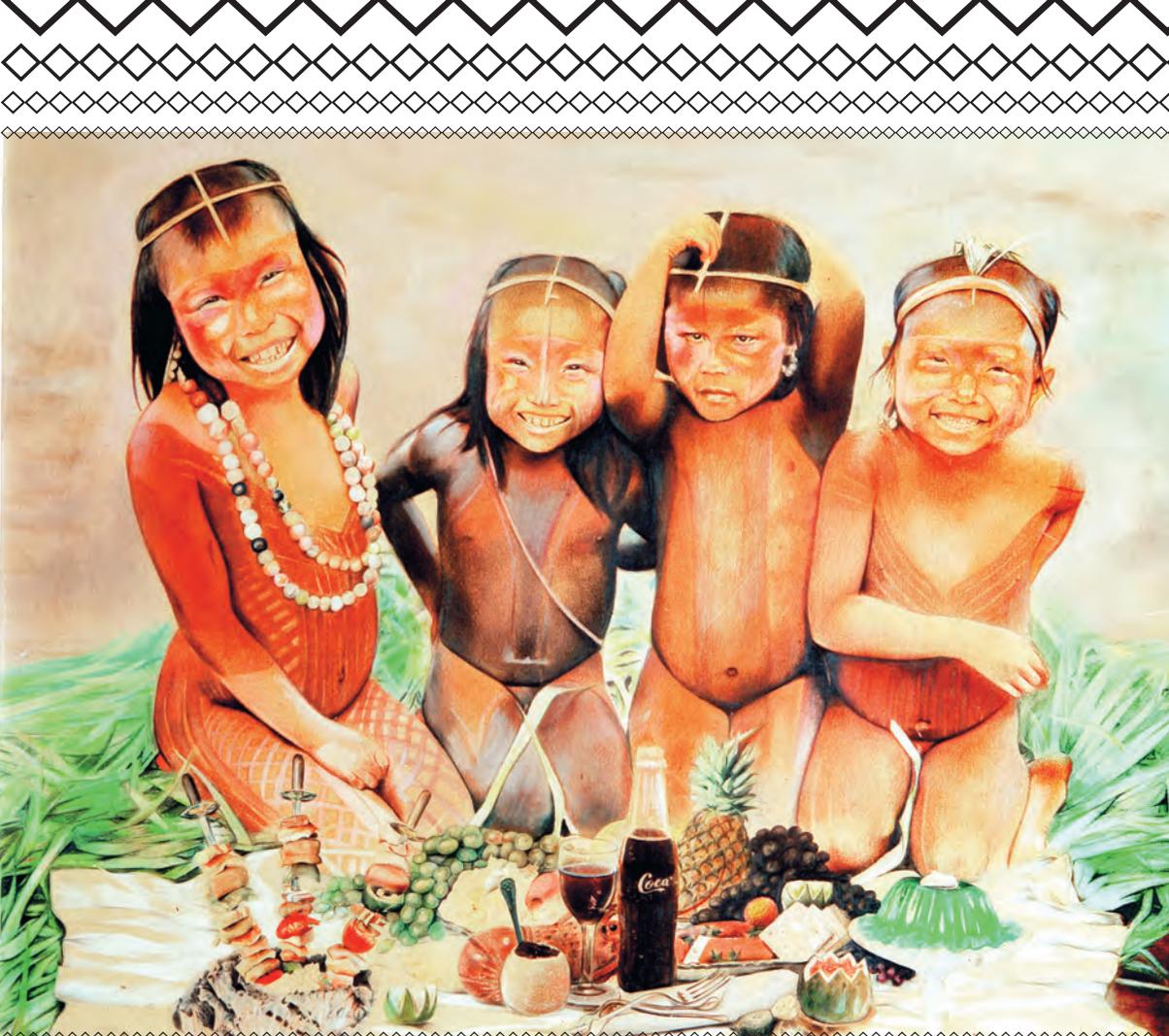
Museu Rondon: Antropologia e Indigenismo 173

- Ciência e Museus 175
- O Museu Nacional de História Natural 176
- Museu Goeldi: antropologia na Amazônia 183
- Os Museus e o indigenismo 188
- Museu Rondon: antropologia e indigenismo na UFMT 196
- Índios, indigenistas e antropólogos 197
- Um indigenista etnógrafo 210
- O Museu Rondon, seu acervo e o seu público 228
- Museus para quê? Para quem? 242

Bibliografia e Índice de imagens 263

Anexos 279





Introdução

«

Coleção Xinguana

Clóvis Irigaray

Desenho | 1975

Acervo: Secretaria de Cultura - MT

Foto: Ricardo Carracedo | Banco de Imagens C&C



Este trabalho é o resultado de um projeto de pós-doutorado, sob a supervisão do Prof. Dr. João Pacheco de Oliveira, apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional (UFRJ). Estimulado pelas publicações comemorativas do cinquentenário da Associação Brasileira de Antropologia, seu objetivo é fazer uma reflexão acerca das relações entre a antropologia e o indigenismo no Museu Rondon, administrado pelo Departamento de Antropologia da Universidade Federal de Mato Grosso, como uma forma de contribuir para o conhecimento das iniciativas de consolidação da antropologia no Centro-Oeste e no sul da Amazônia.

Seu propósito vai além do interesse em produzir um trabalho “local” ou “regional”, remetendo a questões mais amplas, pertinentes ao campo da antropologia nos museus, favorecido pelas contribuições acumuladas acerca da política e da prática indigenista no país e pelo interesse em se beneficiar com algumas interlocuções, preocupadas com o debate sobre o futuro dos museus como instituições de divulgação cultural e de produção de conhecimento.

A proposta deste trabalho foi se delineando ao longo dos últimos anos, depois que eu assumi, pela segunda vez, a direção do Museu Rondon, de 1998 a 2002, quando ele já era um órgão do Departamento de Antropologia. A decisão de fazer um projeto de pesquisa voltado para a discussão das relações entre a antropologia e o indigenismo no âmbito do Museu foi estimulada pelas recentes produções resultantes das comemorações dos 50 anos da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), ao constatar que os quase 30 anos de presença dos antropólogos na Universidade Federal de Mato Grosso ainda seguiam desconhecidos diante das abordagens comemorativas em todas as regiões do país.

São inestimáveis as contribuições que lançam no panorama nacional as edições comemorativas da ABA, revelando a enorme variedade de rostos, todo o colorido das experiências levadas a cabo por grupos iniciais de antropólogos nas universidades em São Paulo, no Rio de Janeiro, em Brasília, em Santa Catarina, no Rio Grande do Sul e, de modo mais genérico, no Nordeste e na Amazônia. A primeira coletânea relevante para esta discussão foi produzida há mais de uma década, durante a gestão do Prof. João Pacheco de Oliveira, do Museu Nacional (UFRJ), e da Prof^a. Marisa Peirano, da Universidade de Brasília,

depois de uma mesa-redonda em outubro de 1994, durante o XVIII Encontro Anual da Anpocs, em Caxambú-MG, cujos trabalhos foram divulgados no Caderno: *O Ensino da Antropologia no Brasil*: temas para uma discussão. Uma outra publicação, que incorporou parte dos textos do Caderno, foi produzida em 2006, durante a gestão da Prof^a. Miriam Pillar Grossi, da Universidade Federal de Santa Catarina, e do Prof. Peter Fry, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que reuniu o conjunto de reflexões sob o título *Ensino de Antropologia: formação, práticas disciplinares e além fronteiras*. Em 2004, o Prof. Gustavo Lins Ribeiro, da Universidade de Brasília, havia dado início às comemorações do cinquentenário da ABA com a publicação *O Campo da Antropologia no Brasil*, organizada também pelo Prof. Wilson Trajano, igualmente da Universidade de Brasília, com uma introdução do vice-presidente Antônio Carlos de Souza Lima, do Museu Nacional (UFRJ). Ainda em 2006, duas outras publicações enriqueceram o panorama nacional: o Livro de Homenagens, organizado pelas professoras Cornélia Eckert, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e Emília P. de Godói, da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), e o livro organizado pelo Prof. Sílvio Coelho dos Santos, da Universidade Federal de Santa Catarina, a coletânea *Antropologia no Sul*, igualmente publicada pela ABA, com a preocupação de construir uma memória da antropologia no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

O trabalho está organizado em três capítulos. O primeiro deles procura fornecer ao leitor considerações acerca da criação da chamada *Universidade da Selva*, que era a identidade atribuída à Universidade Federal de Mato Grosso pelos seus principais idealizadores, como uma iniciativa gestada em plena ditadura militar para fazer frente aos desafios decorrentes da política de expansão das fronteiras econômicas em direção à Amazônia, onde “o problema indígena” ocupava um lugar de destaque, pelas pressões internacionais em decorrência da divulgação do extermínio dos índios, como o massacre que vitimou os índios Cinta-Larga, que ficou conhecido mundialmente como “O Massacre do Paralelo Onze”, cujos mandantes conseguiram se manter livres, apesar das evidências. A inspiração e a presença da antropologia na proposta de criação da *Uniselva* se revelaram muito mais fortes do que seria possível supor durante a elaboração do projeto de pesquisa, fluindo quase como um rio subterrâneo nos discursos oficiais e nas ações dos seus idealizadores. Uma antropologia marcada pela atuação de personagens históricos forjados na luta pelos direitos dos índios e pela consolidação da nossa área de conhecimento, onde os museus desempenharam um papel fundamental como *locus* da reflexão e da prática indigenista.

O segundo capítulo procura mostrar os antropólogos chegando (e partindo...) e o esforço de criar um núcleo inicial de ensino, pesquisa e extensão, como uma área do Departamento de História, quando as representações sobre a *Uniselva* já vão se enfraquecendo, desfocadas pelas contradições vividas na instituição. Um tempo de muito trabalho, de muitas demandas e de proximidade com os estudantes e com os índios, testemunhando o árduo amadurecimento institucional da UFMT, com o fim da ditadura militar, e a busca

pela sua consolidação como produtora de conhecimento diante das pressões governamentais que se seguiram a partir do início da década de 1990.

O terceiro capítulo tem o seu foco especificamente na relação entre a antropologia, o indigenismo e o Museu Rondon, com uma introdução que julguei necessária, inspirada em algumas experiências importantes ontem e hoje, como as que se desenvolvem no Pará, onde os pesquisadores elaboram valiosas reflexões em torno do Museu Paraense Emílio Goeldi, mostrando as suas relações com a produção da ciência no Brasil, em um contexto de comemoração dos cinquenta anos do CNPq. O Museu Nacional, a mais antiga e uma das mais relevantes instituições de pesquisa antropológica no país, recebeu o acervo de cultura material indígena coletado pela Comissão Rondon durante a construção das Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, nas primeiras décadas do século XX, que levou a campo alguns de seus mais expressivos etnógrafos, em um momento histórico de consolidação da política indigenista oficial.

O Museu Rondon é revelado através da dinâmica da sua própria constituição como centro de divulgação cultural, de pesquisa e atuação, onde a convivência entre indigenistas e antropólogos reflete as suas potencialidades e contradições. Sua sobrevivência institucional tem sido, em grande parte, resultado do esforço pessoal de alguns personagens que nele foram acolhidos e da busca obstinada para não perder os vínculos com as comunidades indígenas, que veem no Museu Rondon um abrigo para suas manifestações.

A reflexão sobre os museus contemporâneos e seu futuro, orientada pelo conhecimento acumulado pela antropologia no Brasil, se beneficia de uma experiência no Canadá, no ano de 2003, em decorrência do interesse e das leituras em torno do Museu de Antropologia da Universidade da Colúmbia Britânica, em Vancouver, sob a influência marcante dos trabalhos do Prof. Michael Ames. Uma experiência que, no que depender de nós, ainda resultará em outros desdobramentos, buscando gerar novos e bons frutos, cuja semente foi plantada pelo estímulo e colaboração direta do Prof. Paulo Speller, então Reitor da UFMT. Espero ter correspondido à expectativa quanto à minha contribuição para o debate em torno da Universidade que, coletivamente, construímos.

Agradeço ao meu supervisor por acreditar na viabilidade deste projeto, defendê-lo nos momentos em que isso se fez necessário e pelo respeito com que acolheu os meus propósitos e as minhas ideias, cujas limitações são de minha inteira responsabilidade. Agradeço aos meus colegas do Departamento de Antropologia e do Museu Rondon – verdadeiros “heróis da resistência”! – pelo estímulo constante e pela paciência com que aguardaram o meu retorno às atividades. Agradeço também, de modo bastante especial, ao Conselho Nacional de Pesquisas, o CNPq, pela bolsa de Pós-Doutorado Sênior (PDS), que possibilitou a pesquisa em arquivos e as entrevistas fora de Mato Grosso, sem a qual não teria sido possível realizar este trabalho.

Para esta publicação, na parte final do trabalho, anexei dois relatos de vida: o da Prof^{ta}. Dr^a. Edir Pina de Barros e o do índio Bakairi Vítor Aurape Peruare, previstos no projeto original mas só agregados posteriormente. Como expressei na sua apresentação, a me-

mória da Prof^á. Dr^a. Edir Pina de Barros foi estimulada por algumas questões referentes ao tema em debate, procurando traçar a sua trajetória como antropóloga na UFMT e, especialmente, no Museu Rondon. Minha gratidão é imensa pela sua disponibilidade em registrar uma parte da sua vida, que dignifica, que enobrece a história da antropologia no Brasil e na UFMT, esperando ter lançado um estímulo para que ela se dedique a produzir um relato mais amplo da sua experiência entre nós.

O relato de vida de Vítor Aurape Peruare procura revelar alguns aspectos da sua trajetória em torno do Museu Rondon e do diálogo que ele tem procurado construir nas suas experiências entre os *karaiwa* da cidade e os outros índios, contemplando especialmente suas viagens para fora do Brasil, em várias oportunidades. O desafio foi provocar um debate que aproxime os não-índios do universo atual dos índios, rompendo com a visão preconceituosa que insiste em circunscrever os índios aos limites de suas aldeias, como se eles não quisessem ou não pudessem experimentar a amplitude do mundo.



Antropologia e
Indigenismo na
Universidade da Selva

«

Coleção Xinguana

Clóvis Irigaray

Desenho | 1975

Acervo: Secretaria de Cultura - MT

Foto: Ricardo Carracedo | Banco de Imagens C&C